

# A ASTROLOGIA NA OBRA DE CARL GUSTAV JUNG

### Patrícia Teixeira

Analista Junguiana em formação pelo IJUSP. Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Núcleos Junguianos da PUC-SP. Especialista em Psicologia Analítica pela PUC-SP. Graduada em Psicologia pela Universidade Paulistana. Graduada em Licenciatura Plena em Artes Cênicas pela UNIRIO. Especialista em Método Stanislavski pelo GITS-Moscou/Rússia. Especialista em Direção Teatral pela Célia Helena – Centro de Artes e Educação-SP. Diretora da Cia. Coexistir de Teatro, com a pesquisa sobre mitos, rito e psique, a partir da leitura junguiana. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela PUC-Rio. Professora na Casa das Artes de Laranjeiras-RJ, no Instituto Freedom-SP, na Universidade Paulista e nas Oficinas Culturais da Secretaria de Cultura do Estado de SP. Autora das técnicas expressivas: Narrativas psichistóricas e Performance do Mito utilizadas como ampliação de conteúdos da psique. Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: performance, teatro, audiovisual, mito, psicologia, símbolos e história. Coordenadora do eixo temático “Formação, práticas e técnicas do artista teatral da coleção Artes em Cena da

Editora Paco. Astróloga formada pela Uranos e Astrocientia no Rio de Janeiro. Trabalha como astróloga na abordagem simbólica e com grupos na imersão do mapa natal no corpo.



**RESUMO:** Este capítulo aborda o estudo da Astrologia na obra de Jung na construção da Psicologia Analítica, mais especificamente no que diz respeito à qualidade do tempo no desenvolvimento do conceito de sincronicidade. O objetivo deste estudo é compartilhar o interesse, o aprofundamento e utilização da Astrologia em parte das obras de Jung, principalmente nas cartas

trocadas com inúmeros colegas, amigos e profissionais de seu tempo, registradas no livro *Cartas* que vai do ano de 1906 até 1960. A metodologia utilizada é a qualitativa e busca delinear os caminhos da Astrologia na obra de Jung. As conclusões sugerem um caminho prospectivo no diálogo entre Psicologia Analítica e a Astrologia na contemporaneidade como área de conhecimento não científico, mas a partir de sua perspectiva simbólica.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente capítulo busca, de forma cuidadosa, fazer um recorte do lugar da astrologia no trabalho de Jung, na procura de não correr o risco de cairmos em um lugar pejorativo ou de menor importância, tanto em relação às referências a Jung nos meios astrológicos, quanto ao possível uso da astrologia na psicologia. Acredito na relevância da tentativa de entendermos melhor, enquanto estudantes, psicoterapeutas e analistas junguianos, o estudo da astrologia na obra de Jung.

A partir da minha experiência como astróloga, dentro da abordagem simbólica há algumas décadas, o meu olhar de psicoterapeuta junguiana tem procurado compreender mais profundamente, sob o prisma da Psicologia Analítica, a possibilidade de diálogo entre essas duas áreas. Tendo o estudo da mitologia como intercessora desse diálogo, cheguei à conclusão que a astrologia busca responder questões em aberto; ela oferta possibilidades de respostas. A psicologia, por sua vez, nos propõe reflexões, faz perguntas. São lugares distintos, conhecimentos diferentes. A astrologia, dependendo da forma que seja abordada, pode ser terapêutica, mas não é considerada uma terapia. Dentre suas diversas abordagens, o possível interesse de Jung abriu caminho para uma astrologia com inclinação psicológica, que começa a ser desenvolvida por Dane Rudhyar (1895-1985) – compositor e astrólogo francês – entre as décadas de 1930 e 1940.

Há milênios, a astrologia é praticada de diversas formas pelo ser humano que, ao observar a natureza, inventou relógios, calendários e sistemas astrológicos. É um conhecimento que se construiu na relação entre o homem e o Universo, e afirma a existência cósmica como atuante sobre os fenômenos da vida terrestre e do estado biopsicológico de seus indivíduos. É importante ressaltar que neste capítulo não pretende dar conta da amplitude de seu estudo, história e sistemas devido à sua grandeza e complexidade, de seu princípio até os dias atuais, e das distinções entre a prática astrológica no Ocidente e no Oriente.

Jung construiu a psicologia analítica a partir do mergulho na *anima mundi*, em seus mistérios e enigmas, na busca de compreendê-los e experimentá-los, em particular, na relação de sua imaginação ativa em conjunto com práticas ritualísticas, como complemento para sua própria prática, que inclui o entendimento do simbolismo e da hermenêutica, que vão além do seu objeto em questão – a psicologia –, mas por uma polifonia de conhecimentos aos quais recorreu.

Jung interessou-se pelo mundo dos sonhos, das utopias, da religião e dos mitos, influenciado por algo que já era percebido por ele, no jeito de sua mãe, e, na relação com um Deus que seu pai venerava e não questionava em sua fé inabalável. Jung cresceu em uma atmosfera religiosa de dúvidas e questionamentos. Seu interesse pelas ciências naturais o fez buscar um caminho na compreensão da realidade por meio dos estudos religiosos e ocultos, conjuntamente com a psiquiatria, que, segundo ele, seria a possibilidade para compreender cientificamente o biológico e o espiritual. Assim, desvelou um caminho pela psicologia das experiências espirituais do indivíduo e, nesse seu caminhar, nos apontou o processo de individuação.

Dentre seus inúmeros estudos, encontramos o esoterismo e o hermetismo, por meio dos quais chegamos à astrologia – que é uma parte fundante dessas correntes. As obras e seminários de Jung contêm inúmeras reflexões e discussões sobre a astrologia. Nos três volumes das Cartas, a partir do ano de 1911 até 1960, temos acesso às correspondências endereçadas a vários conhecidos e amigos de sua época – dentre eles, Sigmund Freud. Jung procurava desvendar a qualidade do tempo, utilizando-se de um experimento astrológico em seu trabalho sobre o conceito de sincronicidade, passando pelo interesse a respeito do significado psicológico da precessão dos equinócios em *Aion*. Para Jung (2002), a psique teria um aspecto que desafiaria o espaço e o tempo e, incidentalmente, a causalidade.

Durante esse percurso, Jung aprofundou-se no estudo da astrologia, chegando, posteriormente, conforme seus relatos, a utilizá-la em seus atendimentos, fatos também confirmados por sua filha Gret Baumann-Jung<sup>1</sup>, astróloga, que, além de ter colaborado com Jung em seu trabalho sobre o conceito de *Sincronicidade*, também elaborou, a partir de certa idade, os mapas dos clientes de Jung.

Novamente vemos como ele foi fiel ao seu horóscopo. Pouco antes de sua morte, falávamos sobre horóscopos e meu pai notou: “O engraçado é que essa coisa danada funciona até mesmo depois da morte”. E de fato, logo após sua morte o MC em progressão fez um trígono exato com Júpiter nativo. Num momento como esse pode-se ficar famoso. Seu livro *Memórias, Sonhos, Reflexões*, então recém-publicado, tornou-se um best-seller<sup>2</sup>. (BAUMANN-JUNG, 1975).

Entretanto, mesmo que o estudo dos astros tenha feito parte das trilhas por onde Jung caminhou, ainda assim, havia pouca informação que conectasse a astrologia à base teórica de sua obra e de seu processo de construção – grande parte desse material não chegou até nós de maneira esclarecedora. Com isso, percebe-se uma falta de clareza de como o estudo da astrologia insere-se dentro da psicologia analítica e, também, nota-se um certo cuidado ao relacionarmos a astrologia a psicologia analítica, por Jung ser rechaçado como místico no diálogo proposto entre ciência, ocultismo e espiritualidade, possivelmente, justifica-se a obscuridade desse caminho.

1 Gret Baumann-Jung (1906-1995): filha de Jung. Astróloga e Professora de Astrologia em Zurique

2 Parte do artigo escrito por ela, com o título: *O Horóscopo de Jung*, publicado pela revista Planeta número 35-A, da Editora Três de São Paulo no ano de 1975; dedicada ao Centenário do Nascimento de Jung.

Segundo Shamdasani (2018), a retomada do trabalho de Jung pelos astrólogos no século XX tornou ainda mais intrincada a questão, pois era evidente que uma rede complexa de receptividade também precisava ser reconstruída, e, somando-se a isso havia a escassez de material sobre a história da astrologia no fim do século XIX e início do século XX que pudesse servir de orientação e ponto de partida.

Em 2018, a astróloga e analista junguiana Liz Greene<sup>3</sup>, que desenvolve uma pesquisa há muitos anos sobre a astrologia na obra de Jung, publicou o livro *Jung's Studies in Astrology – Prophecy, Magic, and the Qualities of Time*, com o prefácio de Shamdasani, no qual aponta tanto o rigor quanto a erudição minuciosa da natureza do envolvimento de Jung com a astrologia, tendo a permissão, interesse e apoio de Andreas Jung e sua esposa Vreni no exame do conteúdo dos arquivos particulares e de documentos pessoais de Jung na escrita da referida obra. Segundo Ulrich Hoerni, neto de Jung, Jung “obteve seus conhecimentos de livros, e não de professor em astrologia” (HOERNI apud GREENE, 2023, p.71).

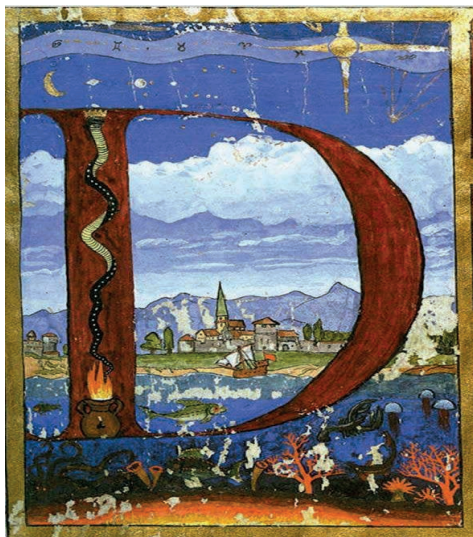
Em seu seminário *Astrologia de Jung e a Jornada Planetária do Livro Vermelho*, Greene (2017) aponta que Jung manteve aulas por correspondência com Max Heindel<sup>4</sup>, ocultista, astrólogo, fundador de um dos braços do movimento Rosacruz – informação que pode elucidar em relação ao domínio de Jung por temas ligados ao ocultismo.

Segundo Shamdasani (2018), a publicação do *Liber Novus* de Jung abriu um espaço para o estudo das ligações entre suas leituras acadêmicas, no sentido de como elas serviam de estímulos para seus sonhos, visões e fantasias na construção de sua cosmologia pessoal em sua obra, que foi ao mesmo tempo “literária, teológica, filosófica e pictórica” (GREENE, 2018, p. X, tradução nossa), enaltecida por paralelos simbólicos e, também, da forma com que desenvolveu sua subjetividade em uma linguagem de conceitos na formação da psicologia analítica. No *Livro Vermelho*, Jung articulou a sua visão teleológica da História sem seguir a lógica dialética de Hegel, buscando fontes e temas astrológicos, como as primeiras pinturas que apontam que a humanidade estaria às portas da chamada Era de Aquário – uma era de integração e superação das cisões representadas pelo glifo do signo de peixes, que representa dois peixes que nadam em direções opostas representantes da Era de Peixes.

---

3 Liz Greene (nascida em 1946): astróloga, escritora americana e analista junguiana formada pela Association of Jungian Analysts de Londres (Inglaterra) em 1980. Ela fundou em 1983, junto com o astrólogo Howard Sasportas, o Centre for Psychological Astrology (CPA) em Londres. É autora de várias publicações na área da astrologia psicológica.

4 Max Heindel (1865-1919): ocultista, astrólogo, cristão místico, participante da Sociedade Teosófica e fundador nos USA de um dos braços do movimento Rosacruz.



Fonte: “O caminho do que está por vir”, em Jung, Liber Novus, 2017, p. 229

No centro da imagem, um navio velho está prestes a levantar âncora; uma cidade medieval se apresenta no fundo. Sob a superfície da água, discernimos os habitantes da profundidade do oceano; abaixo deles encontra-se o 'basalto-fogoso-fluido' do interior vulcânico da terra. No topo da pintura, vemos um sol, de quatro raios nos céus, seguindo sua trilha elíptica e passando pelos signos do zodíaco (STEIN; ARZT apud LIUDVICK, 2022, s/p).

Podemos perceber que na ilustração de Jung, o sol se encontra entre os signos de Peixes e Aquário, enquanto um dos quatro raios avança até o signo astrológico de Aquário – a era vindoura. Segundo Jung (2012), a astrologia em relação à própria psicologia seria entendida como uma representação simbólica dos arquétipos.

Jung encontrou na astrologia um significado espiritual e psicológico e apontou que “(...) [sem dúvida, seu valor psicológico é inexorável, pois representa a soma de todo o conhecimento psicológico da antiguidade]” (JUNG; WILHELM, 2012, p.11).

Todo este caminhar de Jung motivou-me ao compartilhamento deste capítulo cujo objetivo é apresentar, sucintamente – pois o tema é muito extenso, o percurso da astrologia ao longo dos tempos e o interesse de Jung pelo estudo da astrologia na construção da psicologia analítica. Para tanto, selecionei algumas partes de sua obra para apresentar essas ideias. Nas seções abaixo serão apresentadas a trajetória da astrologia, seus interlocutores e considerações sobre ela dentro do trabalho de Jung, no qual, busquei selecionar alguns trechos, entre os anos de 1911 a 1960, nos quais Jung, durante cinco décadas, se detém ao estudo da astrologia, em um vai e vem de ideias e questionamentos.

## 2 | O CAMINHO DA ASTROLOGIA

A astrologia baseia-se na astronomia, ciência que estuda os astros e seu funcionamento, isto é, sua física. Ela utiliza-se de dados coletados pelos astrônomos, que constituem tabelas organizadas, chamadas efemérides, que mostram as posições dos corpos celestes, nomeados pelos antigos como deuses romanos. Ela assume que o movimento e as posições dos corpos celestes podem influenciar diretamente ou representar eventos na terra e em escala humana, e que os ângulos aparentes entre os planetas no céu afetam a humanidade. No entanto, nenhum estudo científico realizado até hoje, mostrou a eficiência da astrologia, por isso ela não é considerada pela comunidade científica, já que é incompatível com o método científico<sup>5</sup>.

É evidente que não podemos negar que foi Aristóteles quem “validou” a astrologia, por meio da obra de Ptolomeu – sendo adotada pela maioria de pensadores da Igreja. De alguma forma foi Aristóteles quem proporcionou à astrologia a “naturalização” pela qual é reconhecida. Porém, também não podemos esquecer da vasta tradição estoica e neoplatônica na astrologia, que nos trouxe o modelo narrativo (MACHADO, 2010).

Segundo Machado (2010), a capacidade de prever da astrologia não seria algo apenas plausível, considerando-se o determinismo matemático do movimento celeste, como foi uma das suas principais aplicações durante milhares de anos, o que não significa que o nosso destino já esteja traçado nas estrelas. “O movimento dos astros indica os eventos futuros, e não os produz, como se crê frequentemente”. (PLOTINO, 1966, II.3.1 apud MACHADO, 2010).

Não estamos, aqui, diante da causalidade, mas de algo a ser traduzido, decifrado, interpretado. Nesse sentido, é possível pensarmos o mapa astrológico como um sistema de referências ou um direcionamento para a construção de uma narrativa acerca de qualquer momento terreno que tenhamos o registro do dia, hora e local de um nascimento, evento, abertura de uma empresa etc. (MACHADO, 2010).

A astrologia como diversas tradições esotéricas, desde a Babilônia, surgiu na humana tentativa de religação com a essência divina, cósmica e transcendente, na qual o homem busca a eternidade.

Segundo Rodrigues (1997) desde tempos remotos, a astrologia esteve presente em várias culturas, sendo associada à agricultura, à economia, à medicina, à política, à caça, à guerra, à religião, a cerimônias e, principalmente, ao aconselhamento pessoal. No entanto, naquele momento não objetivava apenas o estudo da personalidade humana, mas também se preocupava com a compreensão dos fenômenos naturais. “*Onde quer que houvesse uma civilização nascente havia uma forma de “astrologia” como um conhecimento da ligação entre as coisas do Céu e da Terra*” (RODRIGUES, 1997, p. 1).

O início de sua história é marcado por homens que delegavam aos astros a personificação da divindade. Segundo Machado (2004), a astrologia ocidental é parte da

5 ASTROLOGIA. GLOSSÁRIO de Conceitos do AMLEF. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/astrologia/>. Acesso em 4 ago. 2023.

herança cultural vinda do Oriente Médio. Sua origem ainda é discutida: para alguns teria vindo da Suméria/Babilônia; para outros, do Egito ou de alguma outra civilização desconhecida que teria deixado seus fragmentos, considerando-se a referência documentada a uma prática ainda mais antiga. Essa discussão consta em várias outras obras, dentre elas, na *De divinatione*<sup>6</sup>, na qual o seu escritor dúvida dos 470 mil anos de idade atribuídos à astrologia. Os primeiros registros documentados foram feitos em escrita cuneiforme sumeriana sobre tábuas de argila, e são originários da região de Lagash, governada por Gudea (aproximadamente 2122-2102 a.C.). (MACHADO, 2004). A astrologia estava ligada à religião: os astrônomos astrólogos eram sacerdotes, escribas e mesmos magos que decifravam as correspondências entre o homem e o universo. Nestas civilizações, os astrólogos mantinham uma posição privilegiada de poder, a mesma reservada apenas a soberanos e membros da aristocracia.

Segundo Machado (2010), a astrologia “foi levada para a Grécia, onde ganhou a aparência de ciência. É no mundo helênico, portanto, especialmente na Alexandria de Ptolomeu (século II d.C), que se dá a grande sistematização da astrologia, provavelmente também com influências indianas (2010, p. 55). Aristóteles influenciou a grande obra astrológica de Ptolomeu – *O Tetrabiblos*.

No entanto, é em Roma que a astrologia aporta como parte da cultura da Grécia, conquistada no período de 220-146 a.C., onde foi absorvida e popularizada. Roma, de forma sincrética, incorporou as características dos deuses gregos, nomeando-os com os nomes que os planetas herdaram. A passagem da astrologia no mundo greco-romano tornou mais complexo e preciso o seu embasamento teórico, fazendo com que adquirisse todo o instrumentário simbólico que conhecemos em nossos dias.

Na Idade Média, a astrologia era associada à heresia por parte da igreja – temerosa das possíveis verdades da astrologia acreditadas por muitos cristãos que a viam como indicadora do futuro por vir. No entanto, para a igreja, esse conhecimento teria que ficar sobre seu domínio e autoridade. A decadência do Império Romano no século V e a perseguição dos astrólogos acabaram por levar a astrologia para o mundo árabe, que, devagar, tornou-se um grande centro cultural e científico (MACHADO, 2010).

Segundo Koyré (1991, apud MACHADO, 2010), na Renascença, a astrologia era mais importante que a astronomia e os astrólogos gozavam de um status de respeitabilidade, exercendo inclusive funções públicas. Nesse período, a ciência começou a se expandir, estimulada, possivelmente, pelo retorno às fontes antigas e pelos grandes descobrimentos, especialmente pela astronomia planetária. Copérnico (1473-1543), desenvolve a teoria heliocêntrica, Galileu (1564-1642) aponta seu telescópio para o céu e Kepler, observa o movimento planetário (1571-1630) (MACHADO, 2010). Com o advento da ciência, há uma ruptura entre o mundo dos sentidos e da ciência, a astrologia começa a ser questionada

---

<sup>6</sup> De Divinatione (latim para Sobre a adivinhação) é um tratado filosófico em dois livros escritos em 45–44 a.C. por Marco Túlio Cícero.



por inúmeros pensadores e seu lugar de determinismo passa a ser ocupado pela ciência no século XIX.

Consequentemente, a astrologia foi destronada pela ciência. De importante ferramenta do saber “oculto”, onde, conforme Freitas (1999), tudo o que não estava ao alcance da percepção dos sentidos e do pensamento racional do ser humanos e encontrava no cosmos, acabou sendo relacionada a práticas divinatórias e místicas.

No entanto, na Inglaterra a astrologia continuou seu percurso após o Movimento Teosófico<sup>7</sup> de 1875. Foi a teosofia, proposta por Blavatsky<sup>8</sup>, que representou o marco de re florescimento da astrologia que seguiu para países como Alemanha, França e EUA (MACHADO, 2010).

Apesar do preconceito que ainda permanece, atualmente, a astrologia vem sendo discutida e lentamente utilizada no meio acadêmico, principalmente nas áreas da história, filosofia, pedagogia e, principalmente, revista dentro da obra de Carl Gustav Jung.

### 3 | A ASTROLOGIA NO ESTUDO DE JUNG

O interesse de Jung pela astrologia faz parte de sua imersão no mundo simbólico da psique na construção da sua psicologia, de sua autocompreensão e autoexperimentação. Assim como outras áreas de conhecimento, a astrologia foi importante na compreensão e desenvolvimento da psicologia analítica.

Nas pesquisas no campo da psicologia dos processos inconscientes, Jung procurou, por meio do taoísmo – o sistema filosófico chinês –, da astrologia e de outros conhecimentos, o esclarecimento de certos fenômenos da psicologia, tendo em vista que, segundo sua perspectiva, o princípio da causalidade parecia insuficiente. Em 1929, Jung começou a esboçar o que seria posteriormente o conceito de sincronicidade, no qual os eventos poderiam acontecer de forma simultânea a pensamentos, símbolos ou estados psíquicos similares (JUNG; WILHELM, 2012).

Todo esse caminho de Jung (2018c) começou na década de 10 do século XX, na época em que fazia estudos acerca da história dos símbolos. Reconheceu na época, a importância que a Astrologia tinha na antiguidade e que era preciso saber antes de julgar. Seu interesse começou quando teve em mãos um compêndio que um professor universitário de Wurzburg, Sr. Goclenius, escreveu no final do século XVI, para os médicos da época, que servia para o diagnóstico por meio da quiroscopia – o estudo das linhas das mãos. (JUNG, 2018c).

A primeira alusão sobre seu estudo de astrologia apareceu em uma carta encaminhada a Freud em maio de 1911. Jung escreve que suas noites estavam sendo ocupadas pelo estudo da astrologia na feitura de cálculos de horóscopos em busca de

<sup>7</sup> Levante de insatisfeitos com o modelo científico.

<sup>8</sup> Elena Petrovna Blavátskaya (1831-1891): escritora russa, responsável pela sistematização da moderna Teosofia e cofundadora da Sociedade Teosófica.



comprovar o fundo psicológico de sua veracidade. Jung compartilhava com Freud suas descobertas.

No momento incursiono pela Astrologia, que se revela indispensável para a perfeita compreensão da mitologia. Há coisas realmente maravilhosas e estranhas nesses domínios obscuros. As plagas são infinitas, mas não se preocupe, por favor, com minhas erráticas explorações. Hei de, em meu regresso, trazer um rico despojo para o conhecimento da alma humana. Por longo tempo ainda tenho de me intoxicar de perfumes mágicos a fim de perscrutar os segredos que se ocultam nas profundezas do inconsciente. (FREUD, 1993, p. 482).

Freud reconheceu a inclinação de Jung para os estudos ocultos, e a riqueza que Jung poderia vir a descobrir, porém, o advertiu no sentido de não se demorar muito a retornar para a posição que ocupava e construía na época

Sei que é uma legítima inclinação interior que o leva ao estudo do oculto e não duvido que, em seu regresso, o senhor venha coberto de riquezas. Contra isso não há nada a fazer, pois quem obedece à concatenação dos próprios impulsos sempre acerta. A fama já criada por seu *Dementia* há de mantê-lo por algum tempo impune à pecha (defeito moral) de «místico». É bom, porém, que não se demore nas colônias tropicais, pois o senhor tem de governar a casa (FREUD, 1993, p. 483).

Podemos perceber nas duas cartas trocadas entre Freud e Jung, os interesses díspares de ambos, como também, os caminhos da psique que Jung buscava desvendar eram analisados por Freud como misticismo. Para Jung, a astrologia parecia apresentar imagens míticas poderosas e ele estava interessando em entender de que forma essas imagens poderiam se relacionar com a psique. Segundo Greene (2018), o caminho que Jung percorre no começo de seus estudos começam na interface entre psicologia e religião, psicologia e magia, magia e misticismo e, por fim, misticismo e medicina. Nesse seu caminhar circular Jung buscava deixar-se inundar por imagens, insights das trilhas incertas, vagas e imprecisas do inconsciente.

Jung debruçou-se nas profundezas do mundo inconsciente permeado de histórias de mitos e enxergou a astrologia como um caminho indispensável para adentrarmos na compreensão do mito. Segundo Jung (2009),

o céu estrelado é, na verdade, o livro aberto da projeção cósmica na qual se refletem os mitologemas, ou arquétipos. Nessa visão, a Astrologia e a Alquimia, as duas representantes da psicologia do inconsciente nos tempos clássicos, dão-se as mãos (JUNG, 2009, p. 388; 392).

Em dezembro de 1928 Jung participou de uma conferência no círculo de leitura de Hottingen na Suíça “O problema psíquico no homem moderno” no qual abordou, entre outras coisas, a astrologia. Em correspondência posterior a conferência com o Dr. L. Oswald, que assistiu sua palestra em Zurique, Jung sofreu críticas por seu julgamento positivo em relação à astrologia. Ele respondeu ao Dr. Oswald, contando-lhe sobre um

curso de Astrologia que havia sido dado pelo Professor Thorburn da Universidade de Cardiff em 1927 e que a astrologia encontrava-se batendo às portas da universidade. Afirmou que a astrologia continha alguns fatos psicológicos como a teosofia e que não seria relacionada apenas às estrelas, mas seria a psicologia de mais de 5000 anos, da antiguidade e da idade média. Entretanto, ele mesmo pareceu se ressentir de não poder explicar ou provar com dados mais precisos o que havia afirmado (JUNG, 2018a). Décadas depois, em uma carta, em 1952, Jung (2002) respondeu às duas cartas que recebera do tal Professor Thorburn. Em uma delas, o Professor lhe sugeriu escrever uma biografia, no entanto, Jung disse-lhe que não haveria utilidade em escrever uma biografia enquanto as pessoas não entendessem o que ele fazia com a psicologia, apontando que a mesma só seria digna de leitura se Jung pudesse tratar das coisas que descobriu do inconsciente. Jung expressou que seu pensamento inconsciente ainda girava em torno do “problema do tempo” e que a astrologia ainda seria um dos seus interesses, mesmo afirmando que naquele momento não conseguia dizer o que estaria pensando sobre o assunto de forma racional, pois só receberia lampejos de tempos em tempos sobre a astrologia, estando conectado com o que vinha sendo discutido na época em outras pesquisas.

Voltando ao ano de 1929, no livro *O Segredo da Flor de Ouro* (2012), Jung expressou a falta de segurança em relacionar a astrologia como exemplo de sincronicidade, ao mesmo tempo em que reconheceu uma correlação digna de questionamento entre o tempo real e o tempo arbitrário que explicariam as informações que relacionam o caráter de uma pessoa a partir do mapa astral da mesma maneira que acontece no I Ching.

[...] A astrologia seria considerada como um exemplo mais abrangente de sincronicidade, se ela apresentasse resultados universalmente seguros. Existem, entretanto, alguns fatos comprovados por ampla estatística, que tornam a astrologia digna de questionamento filosófico.

[...] A possibilidade de se reconstruir o caráter de uma pessoa, a partir do mapa astral na hora do seu nascimento, comprova a relativa validade da astrologia. [...] o mapa astral não depende absolutamente da constelação astronômica real, mas é baseado num sistema de tempo arbitrário, puramente conceitual. Em decorrência da precessão dos equinócios, o ponto da primavera há muito se deslocou astronomicamente de zero graus de Áries, de forma que o zodíaco astrológico, a partir do qual são calculados os horóscopos, não corresponde de maneira alguma ao zodíaco celeste. [...] Em outras palavras, o que nasce ou é criado num dado momento adquire as qualidades deste momento. Esta é a fórmula básica para a prática do I Ching [...] (JUNG; WILHELM, 2012, p.10).

Em setembro de 1947, Jung respondeu a uma carta do Professor Raman<sup>9</sup>, que encaminhou uma publicação de sua revista de astrologia a Jung, sem saber que Jung era um de seus assinantes. Raman lhe enviou um exemplar e pergunta qual seria a opinião de Jung sobre a astrologia. Jung respondeu que

9 Bangalore Venkata Raman (1912-1998): astrólogo que tornou a Astrologia Védica conhecida e respeitada em toda a Índia e em todo o mundo.

Se deseja a minha opinião sobre a astrologia, posso-lhe dizer que me interessa há mais de 30 anos por esta atividade específica da mente humana. Como sou psicólogo, interesse-me sobretudo pela luz especial que o horóscopo lança sobre determinadas complicações do carácter. Nos casos de diagnóstico psicológico difícil, procuro muitas vezes um horóscopo para obter um outro ponto de vista de um ângulo totalmente diferente. Devo dizer que constatei várias vezes que os dados astrológicos elucidaram certos pontos que eu não teria entendido de outra forma. Com base nesta experiência deduzi que a astrologia é de interesse especial para o psicólogo, uma vez que ela contém uma espécie de experiência psicológica que chamamos “projeção” – isto significa que encontramos os fatos psicológicos como que nas constelações siderais. E digo que, muitas vezes, descobri que os dados astrológicos elucidam certos pontos que eu, de outro modo, não teria sido capaz de entender. [...] O que falta na literatura astrológica é sobretudo o método estatístico, mediante o qual poderiam ser estabelecidos cientificamente certos fatos fundamentais” (JUNG, 2002, p. 81-82).

Segundo Bair (2006), foram as palestras do físico Wolfgang Pauli de 1948 no Clube de Psicologia de Zurique: “A influência das Ideias Arquetípicas sobre as Teorias Científicas de Kepler” que levou Jung em 1952, a publicar o trabalho sobre “Sincronicidade: um princípio de conexões acausais<sup>10</sup>” junto com Pauli, que incluiu suas experiências astrológicas. A contribuição de Pauli foi fundamental para Jung no sentido de lhe dar uma fundamentação científica para o conceito de sincronicidade.

Cronologicamente, a ideia do conceito de sincronicidade em relação à astrologia passa por momentos distintos, pois Jung elabora esse conceito enquanto vê no cosmos o cenário possível para compreender o “tempo” do inconsciente. Foi em 1947, que Jung concebeu a primeira ideia da relação de sincronicidade entre a psique e as constelações siderais. Em 1951, em uma carta endereçada a Aniela Jaffé<sup>11</sup>, Jung modificou a concepção em relação à sincronicidade após retornar de uma conferência no encontro de Eranos, no qual, esteve em contato com o Professor Knoll<sup>12</sup>. Foi a partir desse encontro que Jung buscou fazer novas experiências estatísticas para confirmar se a astrologia realmente baseava-se em radiações de prótons (do Sol), não sendo um método mântico, ou seja, um método de adivinhação (JUNG, 2002).

Em 1954, em carta a Barbault<sup>13</sup>, Jung (2002) continuou a falar que a astrologia representaria a analogia dos acontecimentos (terrenos e das constelações astrais), não a causa ou efeito de uma série de acontecimentos em relação à outra, mas sim sincronicidade. Segundo Jung, a mesma constelação significaria, para uma mesma pessoa, uma vez um evento mais difícil e, em outro momento, um evento mais fácil. Jung pontua que não tinha competência para julgar a possibilidade de que “executando-se a

10 As palestras de Pauli e o ensaio de Jung foram originalmente publicados juntos como um livro em 1952: “The Interpretation of Nature and the Psyche”.

11 Aniella Jaffé (1903-1991): analista junguiana e colaboradora de Jung.

12 Dr. Max Knoll (1897-1970): engenheiro, foi professor universitário em Munique. Ele demonstrou que a irradiação dos prótons solares é de tal modo influenciada pelos aspectos astrológicos que se pode prever o aparecimento de tempestades magnéticas com grande margem de probabilidade.

13 André Barbault (1921-2019): astrólogo francês. Foi vice-presidente do “Centre International d’Astrologie”, em Paris.

deflexão dos prótons solares e sua possível influência sobre acontecimentos terrenos” (JUNG, 2002, p. 345).

Ou seja, a alteração da energia solar existiria para Jung nos aspectos planetários – nas conjunções, oposições e quadraturas (aspectos mais difíceis), por um lado, e nos sextis e trígonos (aspectos mais fáceis), por outro e exerceriam influência sobre o rádio e outras coisas mais.

No prefácio do livro *Sincronicidade*, Jung (2005) escreve que “ao realizar este meu trabalho, tive o interesse e o apoio decidido de uma série de personalidades que são mencionadas no decorrer do texto [...] Aqui gostaria de expressar meu particular agradecimento à Dra. Liliane. Frey-Rohn<sup>14</sup>, pela dedicação com que providenciou o material astrológico” (JUNG, 2005, p. X). Nesse livro, ele fez um experimento com mapas de pessoas casadas e não casadas pesquisando sobre as coincidências de aspectos astrológicos entre as conjunções de sol e lua, marte e vênus e desses planetas com o signo ascendente na busca de ampliar o seu estudo sobre a sincronicidade. Em relação ao resultado desse experimento, em 1954, em resposta a Phillip Metman<sup>15</sup>, Jung disse:

[...] agora estou novamente ocupado *nolens volens* com a questão da sincronicidade e da astrologia. Eu me vi quase obrigado a suprimir na edição inglesa o capítulo sobre a astrologia, porque aparentemente ninguém o entendeu. Reduzo-o agora a poucas páginas e sem nenhuma tabela de números. Talvez consiga agora tornar acessível a meu público o chiste duvidoso e um ordenamento acausal (JUNG, 2002, p. 332).

Em carta no ano de 1958 a Bender<sup>16</sup>, ainda sobre o experimento astrológico, Jung escreveu que

[...] o experimento astrológico é por sua natureza um golpe do acaso; se não o fosse, seria de cunho causal. Mas ele é causal apenas em grau mínimo. Poderíamos rejeitá-lo como simples *lusus naturae*, se ninguém admitisse o chamado acaso. O psicólogo que lida com os fenômenos do inconsciente sabe que estes “acazos” notáveis acontecem de preferência no ambiente das condições arquetípicas [...] examinar sob quais condições emocionais acontecem essas coincidências; ou, então, demonstrar, seguindo Rhine<sup>17</sup>– ele explorava fenômenos psíquicos), a presença desses fenômenos com os maiores números possíveis. Minha dúvida está nas condições psíquicas de sua ocorrência, e eu rejeito uma explicação energética semifísica (JUNG, 2018b, p. 131).

Jung apontou a necessidade de uma amostra maior para o experimento. Em menos de um mês de diferença, Jung, novamente se correspondeu com Bender e direcionou outro olhar para seu experimento.

Quanto ao horóscopo tenho sérias dúvidas se pode ser entendido como fenômeno puramente sincronístico, pois há conexões indubitavelmente causais entre os aspectos dos planetas e os poderosos efeitos da radiação

14 Liliane Frey-Rohn (1901-1991): analista junguiana e colaboradora de Jung.

15 Philipp Metman (1893-1965): psicoterapeuta e astrólogo.

16 Hans Bender (1907-1991): psicólogo e pesquisador de parapsicologia.

17 Joseph Banks Rhine (1895-1980): parapsicólogo. Fundador do Laboratório de Parapsicologia na Universidade de Duke.

dos prótons, ainda que haja muita obscuridade no que diz respeito aos seus efeitos fisiológicos (JUNG, 2018b, p. 137).

**Em carta enviada no mês seguinte, voltou novamente a afirmar:**

Por outro lado, existem casos, na observação astrológica, em que há dúvida de se manter a validade de uma explicação puramente causal.[...] Exemplo histórico disso seria a presumível coincidência do nascimento de Cristo com a tríplice conjunção de reis no signo de Peixes no ano 7 a.C. (JUNG, 2018b, p. 145).

A conjunção dos planetas Saturno e Júpiter no signo de Peixes aconteceram três vezes no ano 7 a.C. e Jung a interpretou como a união dos opostos mais extremos. Esta fala está no livro *Aion*. Essa conjunção acontece a cada vinte anos. Por se tratar de dois planetas sociais, seu ciclo de conjunção tende a indicar o início de uma nova era na sociedade, apontando para mudanças de poder e ideologia.

Voltando ao ano de 1954, Jung (2002) respondeu a algumas perguntas de Barbault, entre elas, a relação entre astrologia e psicologia:

Há muitos exemplos de notáveis analogias entre constelações astrológicas e fatos psicológicos ou entre o horóscopo e a disposição geral do caráter. Até certo ponto é possível predizer, inclusive o efeito físico de uma passagem [...]. Pode-se esperar com um grau de possibilidade bastante elevado que uma situação psíquica determinada venha acompanhada de uma configuração astrológica análoga. A astrologia, assim como o inconsciente coletivo, com o qual se ocupa a psicologia, consiste em configurações simbólicas: os planetas são os 'deuses', símbolos das forças do inconsciente [...]" (JUNG, 2002, p. 344).

Jung (2002) ainda supôs uma certa situação astrológica para a etiologia das neuroses de experiências da primeira infância. Segundo ele, sofremos influências do meio ambiente, e, por outro, na predisposição psíquica que seria relativa à hereditariedade, que, segundo ele, aparece no horóscopo. "Parece que o horóscopo corresponde a um momento determinado na conversa dos deuses, ou seja, dos arquétipos psíquicos" (JUNG, 2002, p. 345).

Jung (2002) criticou a posição dos astrólogos de sua época, apontando que deveriam trazer indicações como possibilidades e fazer uma leitura mais simbólica e menos interpretativa e literal. Segundo Jung, "o zodíaco e os planetas não fornecem dados pessoais, mas dados impessoais e objetivos. Também devem ser consideradas diversas "camadas de interpretação na interpretação das casas" (Jung, 2002, p. 346). As casas astrológicas simbolizam as áreas, os setores da vida onde os corpos celestes, combinados aos signos do zodíaco, se manifestam.

É evidente que a astrologia tem muito a oferecer à psicologia, mas é menos evidente o que esta última pode oferecer à sua irmã mais velha. Eu diria que seria proveitoso para a astrologia se ela tomasse em consideração a existência da psicologia, sobretudo a psicologia da pessoa e do inconsciente. Estou quase certo de que alguma coisa pode ser aprendida de seu método

da interpretação dos símbolos. Trata-se da interpretação dos arquétipos (dos deuses) e de suas relações mútuas, interesse comum das duas artes. Sobre a psicologia do inconsciente trata da simbologia arquetípica (JUNG, 2002, p. 346).

A última carta que faz em referência a astrologia é de 1960, um ano antes de sua morte, endereçada a Kurt Hoffmann, no qual apontou que

[...] as projeções das constelações e interpretações coincidem com os começos de uma consciência reflexa, isto é, com os primeiros passos da civilização. Mas esses começos estão naturalmente encerrados em profunda escuridão. É fato notável que nós não fazemos projeções, mas elas nos acontecem. Isto nos permite a conclusão de que lemos nossos primeiros conhecimentos físicos e sobretudo psicológicos nos astros. O que significa, em outras palavras, que o que está mais adiante é o que está mais perto (JUNG, 2018b, p. 262).

Conforme Jung (2018b), este fato nos permitiria concluir que de forma genuína, lemos as nossas primeiras percepções físicas, e em particular, as psicológicas, nas estrelas. Tudo isso seria mais próximo de nós do que possamos imaginar. Nós nos “reunimos” do cosmos.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo propôs uma leitura do fenômeno, percurso e caminhos da astrologia na obra de Jung. A astrologia é uma linguagem imagética e analógica. Segundo Jung, a astrologia em relação à própria psicologia era entendida como uma representação simbólica dos arquétipos e serviu como busca pela compreensão da qualidade do tempo ou melhor, da sincronicidade entre o céu e a terra, entre o cosmos e a psique, nos recônditos mais profundos da existência.

As obras, seminários e cartas que Jung escreveu durante os anos de 1911 e 1960 contêm inúmeras discussões sobre a astrologia, o que nos demonstra que durante cinco décadas, Jung buscou compreender o conhecimento astrológico e sua possível correlação com o tempo da psique. Imerso em suas pesquisas astrológicas, Jung apontou que a posição da astrologia é especial entre os métodos intuitivos. Ele circulou entre a certeza do valor psicológico da astrologia na qual, a mesma acontece pelo evento da sincronicidade, à uma não clareza desse fato em suas diversas correspondências trocadas, oscila entre certezas e dúvidas, principalmente após seu experimento astrológico no qual buscou comprová-la num ordenamento paralelo dos fatos no tempo. Segundo ele, existiriam razões para duvidar da validade exclusiva da hipótese da sincronicidade como da teoria da causalidade. Jung decidiu-se por uma explicação mista, pois segundo ele, “a natureza não faz caso da limpidez das categorias intelectuais” (JUNG, 2018b, p. 145). Conforme Jung, a experiência assumia um lugar diferente da especulação intelectual e das metodologias científicas. Mesmo sem conseguir comprovar que a astrologia se daria a partir da sincronicidade, Jung reconheceu

a ideia, de que, “o que nasce ou é criado num dado momento, adquire as qualidades deste momento” (JUNG; WILHELM, 2012, p. 11).

As conclusões sugerem um caminho prospectivo na contemporaneidade no diálogo da Psicologia Analítica com a Astrologia como área de conhecimento não científico, mas a partir de sua perspectiva simbólica.

## REFERÊNCIAS

ASTROLOGIA. **GLOSSÁRIO de Conceitos do AMLEF**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/astrologia/>. Acesso em 4 ago. 2023.

ASTROLOGY. **ONLINE Etymology Dictionary**. Disponível em: <https://www.etymonline.com/pt/word/astrology>. Acesso em: 4 ago. 2023.

BAIR, Deirdre. **Jung, uma biografia**. São Paulo: Globo, 2006.

BAUMANN-JUNG, Gret. **O horóscopo de Jung**. Revista Planeta, São Paulo, 35A, 1975.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. (org.) **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

GREENE, Liz. **Jung's Astrology and the Planetary Journey of the Red Book**. May 2017, Cornwall. Seminar Cornwall, The Faculty of Astrological Studies, 2017.

GREENE, Liz. **Jung's Studies in Astrology**. New York: Routledge, 2018.

GREENE, Liz. **Jung, o astrólogo**. São Paulo: Cultrix, 2023.

FLEMING, William. **The Vocabulary of Philosophy, Mental, Moral, and Metaphysical: With Quotations and References for the Use of Students**. London: Sheldon & Company, 2019.

FREITAS, Luiz Carlos Teixeira de. **Astrologia Clínica**. São Paulo: Ágora, 1999

FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

JUNG, C.G. **Aion**. Petrópolis: Vozes, 1982.

JUNG, C.G. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C.G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JUNG, C.G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In: **A natureza da psique**, 2009.

JUNG, C.G.; R, WILHELM. **O segredo da flor de ouro**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, C.G. **O livro vermelho – Liber novus**. Petrópolis: Vozes, 2017.



JUNG, C.G. **Cartas I**. Petrópolis: Vozes, 2018a.

JUNG, C.G. **Cartas III**. Petrópolis: Vozes, 2018b.

JUNG, C. G. **Sobre sentimentos e a sombra**. Petrópolis: Vozes, 2018c.

LIUDVICK, Caio. **Instruções para a noite escura**. Revista 451. São Paulo, ed. 58, 2022. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/resenhas/psicologia/instrucoes-para-anoite-escura>. Acesso em 4 ago 2023.

MACHADO, Cristina. **Uma breve história da astrologia**. In: CONSTELAR, v. 76, 2004. Disponível em: <https://www.constelar.com.br/revista/edicao76/historia1.php>. Acesso em 4 ago. 2023.

MACHADO, Cristina de Amorim. **O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu**. Tese de doutorado - PUC-Rio Rio de Janeiro, 2010.

RODRIGUES, P.R.G.R. **Astrologia, Meio Ambiente e Personalidade: Um Estudo Empírico**. Dissertação de Mestrado - USP. São Paulo, 2017.

SHAMDASANI, S. In: GREENE, Liz. **Jung's Studies in Astrology**. New York: Routledge, 2018.

STEIN, M.; ARZT, T. (org.) **O livro vermelho de C. G. Jung para o nosso tempo - em busca da alma sob condições pós-modernas**. Petrópolis: Vozes, 2018.

THAGARD, Paul R. «**Why Astrology is a Pseudoscience**». Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association: 1, 1978, pp. 223–234. (1978